



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

MILENA DE FRANÇA MONTEIRO

**FAMÍLIA, ESCOLA E AUTISMO: UMA PARCERIA POSSÍVEL RELATADA
ATRAVÉS DO ESTUDO DE CASO DE FLORIZA DAS FLORES**

MOSSORÓ

2017

MILENA DE FRANÇA MONTEIRO

**FAMÍLIA, ESCOLA E AUTISMO: UMA PARCERIA POSSÍVEL RELATADA
ATRAVÉS DO ESTUDO DE CASO DE FLORIZA DAS FLORES**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Orientadora: Prof^a Ma. Francisca Monteiro da Silva Perez.

MOSSORÓ

2017

RESUMO

O artigo ora apresentado é resultado de uma pesquisa de caráter bibliográfico, documental e de campo, acerca de um estudo de caso específico a respeito da relação família-escola na aprendizagem de uma aluna com Transtorno de Espectro Autista (TEA). Para tanto, foi realizada uma análise de todas as etapas de sua vida desde o diagnóstico do transtorno, enfatizando as suas etapas escolares, seus avanços (e retrocessos em momento pontual), oriundos de práticas inclusivas, mais frequentes do que a exclusão. Foram desenvolvidas entrevistas com profissionais que lidam diariamente com a aluna (professora da sala regular, professora da educação especial, coordenação pedagógica e gestão), bem como com a sua genitora, integrante familiar que concedeu o uso de relatórios transdisciplinares das diversas fases da vida de sua filha, para que fossem contemplados com detalhes em seu estudo de caso. Diante da investigação, verificou-se que apesar de o ano letivo de 2017 ser sinônimo de transição na vida da aluna em questão, tanto pela sua inserção nos anos finais do Ensino Fundamental, quanto para mudanças atinentes à fase da adolescência, apresenta aquisições em seu aprendizado, tais como o aumento de seu repertório verbalizado, expressividade de seus sentimentos, desejos e necessidades, e a ampliação de sua autonomia. Revela-se, dessa forma, que a parceria entre família e escola é exitosa, neste caso, mesmo diante das dificuldades de se estabelecer a inclusão em sua integralidade.

PALAVRAS-CHAVE: TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA; FAMÍLIA; ESCOLA.

ABSTRACT

The article presented is the result of a search of bibliographic, documentary and character field, about a specific case study about the family-school relationship in the learning of a student with autism spectrum disorder (ASD). It was carried out an analysis of all the steps of your life since the diagnosis of the disorder, emphasizing their school steps, your progress (and setbacks in time on time), from inclusive practices, more frequent than deletion. Interviews were carried out with professionals who deal daily with the student (teacher of the regular room, Professor of special education, pedagogical and management), as well as with your mother, family member which granted the use of disciplinary reports of the various stages of the life of your daughter, to be covered with details in your case study. On investigation, it was found that although the year of 2017 be synonymous with transition in the life of the student in question, both by your insertion in the final years of primary school, as for changes concerning the stage of adolescence, in your acquisitions, learning features such as increasing your repertoire verbalized, expressiveness of his feelings, wants and needs, and the expansion of your autonomy. It is, therefore, that the partnership between family and school is successful, in this case, even in the face of the difficulties to establish the inclusion in your entirety.

KEYWORDS: AUTISM SPECTRUM DISORDER; FAMILY; SCHOOL.

1 INTRODUÇÃO

A educação, enquanto prática social e política, orienta as atividades escolares. Nesse sentido, a educação constitui-se em um direito universal e com qualidade social. Isso significa dizer que a educação “É um processo de produção e socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam conhecimentos e valores” (BRASIL, 2010, p. 15).

Para isso, são imprescindíveis o acesso, a permanência, a inclusão, o sucesso escolar, ancorados em aprendizagens de conteúdos significativos, como condição para a formação integral dos estudantes.

A escola, portanto, é espaço de trabalho cooperativo e coletivo, para que se possa introduzir sempre novos conhecimentos e seja orientado para a inclusão de todos ao acesso dos bens culturais e ao conhecimento, e que está assim a serviço da diversidade.

É válido considerar que não há como apreender esta realidade sem realizar os nexos necessários com as relações estabelecidas no seio familiar, enquanto grupo primeiro de socialização dos indivíduos, formador de opiniões, valores, posturas e hábitos reproduzidos nas demais instâncias de interação social.

Decerto é primeiramente na família que o aluno toma contato com regras de comportamento social. Quando o aluno chega à escola desprovido dessa primeira experiência, os conteúdos curriculares ficam diluídos nas muitas horas que são gastas para a aquisição postural necessária ao trabalho pedagógico. (CUNHA, 2015, p. 126)

Logo, facilmente presume-se que a instituição familiar agrega a si a importância de educadora por excelência, pois é o espaço onde as crianças têm o contato inicial com o mundo e com o outro, sendo decisiva no processo de construção da identidade de um indivíduo.

As afirmações supracitadas corroboram para a assertiva de que a parceria família-escola é imprescindível para o processo formativo.

Quando se trata da educação de uma pessoa com necessidades educacionais especiais tal parceria se faz necessária para a ruptura do preconceito e de paradigmas, inerentes à leitura introjetada pela sociedade acerca do aprendizado desses indivíduos.

Como superar a dor do preconceito e da exclusão? Comumente, há relevantes alterações no seio familiar. É primordial a atenção da escola a respeito dos impactos que alunos com características especiais produzem na vida em família. Com efeito, o entendimento das dificuldades de

aprendizagem implica um olhar extensivo à família. (CUNHA, 2015, p. 125-126)

Por isso, entra em voga o princípio de que a escola deve ser um espaço flexível, de acordo com as particularidades dos seus educandos, receptivo aos conhecimentos e às responsabilidades de cada membro e segmento da comunidade escolar, obedecidas as suas responsabilidades (PEREIRA; ET. AL., 2015)

Diante desse contexto e das experiências no âmbito escolar, o presente estudo propôs como objetivo geral analisar um caso específico acerca da relação família-escola na aprendizagem de uma aluna com Transtorno de Espectro Autista (TEA), transtorno este que se manifesta logo na infância, denotando prejuízo na interação social e na comunicação, conforme assevera Pereira; et. al. (2015).

Partindo desta premissa desafiadora, cabe questionar: De que forma a parceria família-escola contribui para o estabelecimento de uma proposta positiva no trabalho de alunos com TEA?

É relevante citar que a escolha do temário foi motivada pelo trabalho desenvolvido com esta aluna autista, em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, no ano de 2016, em uma escola da rede municipal de Parnamirim. Caso este que não somente é objeto de estudo da referida pesquisa, como também foi o mote provocador para cursar a especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Para que tal objetivo seja alcançado com ênfase, buscou-se identificar junto aos profissionais de uma instituição escolar da rede estadual do Rio Grande do Norte, localizada no município de Parnamirim, de que forma as contribuições e a participação familiar influenciam e interferem no processo de ensino-aprendizagem, bem como apreender as mais frequentes percepções que os familiares da aluna com TEA possuem acerca das contribuições escolares para o desenvolvimento da criança, e verificar os avanços presentes no processo de ensino-aprendizagem da aluna estudada, mediante os aspectos elencados previamente em seu estudo de caso.

2 FAMÍLIA E ESCOLA DESCOBRINDO OS CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM DO (A) ALUNO (A) COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

2.1 Metodologia

Para a operacionalização dos objetivos, em toda a trajetória de construção deste trabalho foram desenvolvidos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

Neste percurso, a pesquisa bibliográfica, presente em todos os capítulos e entendida como fundamentação teórica do objeto de estudo, subsidiou a análise dos dados obtidos, através de artigos, livros e em rede (internet) acerca da temática abordada.

A pesquisa documental foi realizada através da análise dos relatórios, pareceres pedagógicos e atividades escolares e demais documentos que a escola e, principalmente a família, forneceram afirmando seu consentimento para o uso do material exposto, sendo por sua vez, resguardada a identidade da pessoa estudada.

Para desenvolver a pesquisa de campo fez-se necessário solicitar a autorização da equipe da Escola Estadual Maria Cristina¹ para a concessão de adentrar às suas dependências, interagir com os profissionais e utilizar o material coletado em entrevistas neste artigo.

A referida escola atua há mais de 50 (cinquenta) anos prestando serviços à comunidade. É reconhecida por seu trabalho de excelência junto aos alunos dos anos finais do ensino fundamental e pelos seus projetos literários, pela atuação efetiva de seu Conselho Escolar e seu protagonismo perante a comunidade. Sua missão está pautada no compromisso e na afetividade para uma educação cidadã.

Foram desenvolvidas entrevistas² (encontradas nos apêndices A e B) com profissionais da instituição – professoras da sala regular e da Sala de Recursos Multifuncionais, integrante da equipe pedagógica e da gestão – e com familiar.

Culminando este percurso, no item seguinte foram destacadas tais análises.

¹ Situada em Parnamirim/ RN, no bairro Boa Esperança, a escola oferta os anos finais do Ensino Fundamental, inclusive na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente presta seus serviços a 476 alunos, com idade mínima de 11 (onze) anos até adultos.

² Conforme Marsiglia (2010, p. 10) “As entrevistas são os instrumentos mais usados nas pesquisas sociais, porque além de permitirem captar melhor o que os pesquisados sabem e pensam, permitem também ao pesquisador, observar a postura corporal, a tonalidade da voz, os silêncios, etc.”

2.2 Resultados/Discussão

2.2.1 Estudo de Caso da aluna Floriza das Flores³

Floriza das Flores, 13 anos, tem diagnóstico de CID⁴ F84, Transtorno de Espectro Autista (TEA), um transtorno do neurodesenvolvimento infantil, geralmente apresentado antes dos três anos de idade.

Entre as características do TEA estão o isolamento social, a ausência de interação com o mundo externo, a dificuldade de se adaptar a mudanças em sua rotina, a presença de movimentos estereotipados e repetitivos, e distúrbios na fala. Não diferente de outras deficiências, é um desafio para o professor desenvolver estratégias que contribuam com o aprendizado do aluno autista (TENÓRIO; VASCONCELOS, 2015).

O Transtorno do Espectro Autista, segundo a Lei de nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 é considerado como deficiência para todos os efeitos legais. E suas manifestações comportamentais o definem e incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades. (BRASIL, 2010, apud BRAGA JUNIOR, 2015, p. 14).

Considerada uma síndrome comportamental, não se tem nenhum parecer conclusivo das causas do TEA⁵. Há teorias relacionadas a anormalidades em partes do cérebro, associadas à genética. Outros estudos, estes no âmbito da psicanálise, corroboram com a assertiva de lacunas afetivas na relação entre mãe e filho (BRAGA JUNIOR, 2015).

Acompanhando as particularidades da história de vida de Floriza, conforme relatório de avaliação inicial do Centro de Estudo Aplicado (CRÊ-SER)⁶, referente ao ano de 2008, sua genitora informou ter acometido dengue um mês antes da gestação. A criança nasceu

³ Nome fictício, a fim de resguardar a identidade da educanda.

⁴ CID: Classificação Internacional de Doenças.

⁵ De acordo com Chiote (2015), os primeiros estudos publicados sobre o TEA foram desenvolvidos por Leo Kanner, em 1943 e Hans Asperger, em 1944. “Em suas pesquisas, Kanner observou o comportamento de 11 crianças a que atendia e constatou que, nessas crianças, a inabilidade no relacionamento interpessoal era o que se diferenciava em relação a outras síndromes psiquiátricas, como a esquizofrenia” (CHIOTE, 2015, p. 13).

⁶ Instituição sem fins lucrativos, que surgiu em 1999, na cidade de Natal/ RN, reunindo 11 (onze) famílias com filhos autistas. *A priori*, o objetivo seria estudar o autismo, que na época estava compreendido como um dos transtornos de desenvolvimento global. Entretanto, sua idealizadora, Eliana Araújo, percebeu a necessidade de orientação às famílias, as quais eram atendidas por uma equipe multiprofissional, composta por psicóloga, terapeuta ocupacional e fonoaudióloga. Em 2008 foi o seu último ano de funcionamento. (TRIBUNA DO NORTE, 2008)

saudável, mas teve de ser levada ao médico três vezes para retirada de líquido de refluxo, ainda referente ao parto.

Aos sete meses começou a chamar o nome do primo, e vocalizava na mesma entonação que seus pais, de modo imperativo. Em seguida, começou a falar as palavras “água”, “mamãe”, “papai”, “não”, “banana”. Respondia ao chamado de seu nome, entendia ordens simples e formava frases. Segundo a mãe, a criança sorria bastante e mostrava-se ansiosa para ver o pai ao chegar do trabalho, momento em que era conduzida aos seus braços. Aos onze meses andava, com o auxílio de um adulto.

Aos dois anos de idade, não mais correspondia aos comandos do seu nome, nem a ordens simples. Nesse período, a mãe acreditava que estivesse querendo chamar atenção, e não necessariamente fosse algo relativo a uma dificuldade. Em seguida, não olhava no olho, parou de falar palavras, e começou a balbuciar. Não interagia com brinquedos, e quando o fazia, brincava de maneira não funcional. Ademais, não socializava com outras crianças.

Este comportamento está em conformidade ao que apresenta Braga Junior (2015, p. 16) sobre os primeiros sinais do TEA na linguagem:

A natureza do comprometimento da interação social no transtorno do espectro autista varia dependendo do nível de desenvolvimento do indivíduo, como por exemplo, em bebês, pode-se perceber a ausência e a indiferença à afeição ou ao contato físico, falta de contato visual direto, de respostas faciais e/ ou ao sorriso social, bem como a uma ausência de resposta à voz dos pais.

Aos dois anos e oito meses, iniciou sua vida escolar⁷, demonstrando gostar dos colegas e das professoras. Já aos três anos foi remanejada para uma turma de alunos menores, uma vez que tinha o hábito de morder, apesar de a professora observar e acreditar que seu intuito era demonstrar afeto. Nesta fase, também mordia seus próprios joelhos e braços.

Para Braga Junior (2015), a agressividade e a automutilação podem se apresentar de maneira mais latente também na adolescência.

Mediante tais comportamentos, sua genitora passou a procurar ajuda profissional. Comunicou-se com uma fonoaudióloga e, posteriormente, com uma psicóloga, a fim de compreender o que se passava com sua filha. Ao ser encaminhada para uma médica geneticista, foi informada que Floriza sinalizava características autistas, sendo necessário um acompanhamento mais aprofundado para fechamento do diagnóstico.

⁷ Floriza cursou a Educação Infantil no Núcleo Educacional Prisma, uma escola particular de pequeno porte, que atua há dezessete anos nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais), situada no município de Parnamirim/RN.

Aos três anos e nove meses demonstrava-se ativa, esperta e relacionando-se facilmente com terceiros. Em momentos de sua rotina, como a hora do lanche, caso fosse irritada, poderia apresentar autoagressão e heteroagressão. Fazia associações gestuais relativas a pessoas conhecidas. Apresentara bom equilíbrio estático e dinâmico (coordenação motora grossa), o que se estende ao movimento de pinça (coordenação motora fina). Reagia bem ao toque, fosse leve ou de tato-pressão, mas lambia em demasia as mãos ou demais partes do corpo quando sujas de tinta, espuma, sabonete, xampu. Tal comportamento é justificado:

É presente nos sujeitos com transtorno do espectro autista [...] um centro de interesse estereotipado e restrito no sentido de hábitos motrizes ou de objetos bizarros. Há a utilização de objetos particulares, e a desvinculação de uso do objeto, ou seja, o sujeito não utiliza o objeto de acordo com sua função (COHEN, 2010, apud BRAGA JUNIOR, 2015, p. 17).

Por possuir considerável capacidade de absorção dos estímulos que lhe são dados, sua mãe relatou que aos quatro anos de idade, ao acompanhar uma de suas terapias, Floriza escreveu na areia o seu nome em letra bastão, de maneira linear, com letras proporcionais em tamanho. Outra pessoa, ao perceber a atividade, alertou sua mãe. Quando Floriza percebera a atenção voltada para si, imediatamente apagou o seu nome.

É oportuno assinalar que este transtorno não pressupõe deficiência intelectual, por isso o seu desenvolvimento de escrita não foi afetado. Caso ocorressem indícios e se constatassem estes elementos, seria providenciado outro diagnóstico (BRAGA JUNIOR, 2015).

Aos cinco anos passou a ser acompanhada pela clínica Humanize⁸, sendo atendida por uma equipe multidisciplinar, composta por fonoaudióloga, pedagoga, psicóloga e terapeuta ocupacional.

Conforme Chiote (2015), o tratamento ou intervenção para o autismo infantil estão direcionados aos campos de estudo da medicina, podendo ocorrer inicialmente com neurologista ou geneticista (como foi o caso de Floriza); e da psicologia, com abordagens comportamentalista, cognitivista ou psicanalista. Ademais, observam-se outros profissionais que compõem este trabalho, segundo o caso estudado.

Nesta fase, conforme relatório inicial em janeiro de 2010, eram necessárias sucessivas tentativas para que focasse com atenção nas atividades. Quando alguma das terapeutas dirigia-

⁸ Clínica situada na cidade de Natal/ RN, especializada no atendimento de crianças com deficiências, síndromes e TEA. Conta com uma equipe de fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, atuando de maneira transdisciplinar, com vistas a subsidiar o desenvolvimento global da criança. Disponível em: <<http://humanizenatal.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

se com firmeza, apresentava choro carregado de emoção, como se tratasse de algo extremamente grave. Características clássicas do TEA foram, outrossim, citadas, tais como riso inapropriado, dificuldade de se relacionar com outras crianças, estereotípias e tiques verbais. Ao apresentar medo em alguma situação, quando tocada, chegava a apresentar condutas heteroagressivas.

Adaptada a atividades da vida diária (AVD's), se tornara autônoma em ações, como higiene, vestuário e alimentação. Possuía intenção comunicativa sobre as pessoas mas, para tanto, fazia uso de recursos elementares, como usar um adulto como instrumento, levando-o em direção ao objeto desejado, uma vez que não participava de intercâmbios conversacionais.

Já reconhecia todo o alfabeto, mas raramente o nomeava. Gostava de cobrir todas as letras que visse nas atividades e por vezes pintá-las.

Escreve palavras de forma independente, embora muitas sejam decodificadas e/ou de seu dia-a-dia. Embora escreva muitas palavras, ela não tem o domínio completo desta ação, pois não estabelece relação entre a fala e a escrita, utilizando por vezes letras soltas ou palavras prontas quando não conhece a palavra pronunciada, como por exemplo: 'Escreva DEDO, e ela escreveu JOÃO', fazendo uso dos traços para as letras da palavra. (HUMANIZE, 2010, p. 5)

Aos cinco anos e nove meses, mantinha contato visual por pouco tempo e mostrava-se alheia ao que estava acontecendo ao seu redor. Havia iniciado há alguns meses sua oralização, com palavras isoladas, mas compreendendo a relevância da comunicação em seu dia a dia. Em parecer transdisciplinar da época, consta:

Apesar de ser uma criança alfabética, não é alfabetizada; conhece as letras do alfabeto, com algumas exceções, e coloca-as na sequência de maneira automática (decorada). Essa característica ocorre devido a sua habilidade de memorização visual que facilita a sua leitura decodificada (reconhecimento de palavras) (HUMANIZE, 2011, p. 1-2).

A imagem em apêndice C foi realizada na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) de sua escola e ilustra a capacidade de memorização visual da discente, permitindo reconhecer as palavras associadas às suas imagens.

Com oito anos, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental, seus colegas mantinham contato e boa receptividade, apesar de Floriza tentar isolar-se. Era cada vez mais frequente a conduta dos professores no tocante aos limites (regras de saída e entrada de sala, propostas de atividades).

Não apresentava iniciativa para interagir com o outro. Demonstrava apatia e resistência para se relacionar com crianças, o que diminuía terapia após terapia. Resistia a mudanças, mesmo que se tratasse dos lugares onde sentava-se em sala de aula, algo decorrente de seu perfil rotineiro e metódico, expresso também no momento das atividades, haja vista que sempre queria fazer os mesmos exercícios e sequências. Acrescenta-se ainda, o aumento gradativo do seu vocabulário. Apesar disso,

[...] a fala conquistada passou por uma regressão e atualmente tem se limitado a palavras isoladas geralmente após o modelo e a cantos (ecocalia imediata/linguagem automática). Também apresenta limitação na compreensão do comando verbal, chegando a não entender comando com pistas visuais, como apontamentos. Tais ações só são praticadas quando essas são presentes no seu cotidiano, mas, caso o comando/ordem seja modificada (palavras ou ordem da frase) apresenta dificuldades para atender. (HUMANIZE, 2013, p. 1)

Entre os onze e doze anos, a agressividade deu lugar à tranquilidade e ao bom relacionamento com as pessoas e todos os relatos corroboram com a assertiva do bom desenvolvimento cognitivo de Floriza, uma vez que consegue ler, escrever, desenhar, usar raciocínio lógico em suas expressões escritas, desenhos e jogos.

Observa-se a ilustração da descrição supracitada através de algumas atividades desenvolvidas na sala de aula regular entre o período de 2014 a 2016, em apêndices D, E e F. Em 2014, o repertório de palavras escritas na atividade é memorizado, conforme a professora relata. Em 2015, conseguia realizar pequenas adições, com o apoio de imagens que remetem a materiais concretos, facilitando a contagem e a junção de quantidades. E em 2016 verifica-se que escreve pequenas frases associadas a imagens, sinalizando maior autonomia.

A comunicação expressiva já não é a maior dificuldade, e sim a comunicação receptiva, a compreensão do que lhe é dito, e consequentemente destaca-se como foco do tratamento, todas as atividades propostas são desenvolvidas de forma a estimular a compreensão de regras e ordens mais complexas [...] (ESPAÇO ADAPTO⁹, 2016, p. 2)

Em se tratando do âmbito educacional, sua mãe está sempre presente na escola, disposta orientar em todos os momentos. Participa de reuniões, de comemorações, entre outras atividades da escola, bem como tem consciência e exige a garantia dos direitos de sua filha quanto à educação inclusiva.

⁹ Situada em Natal/ RN, é uma clínica composta por atendimentos de terapia ocupacional, fonoaudiologia e psicologia, de forma interdisciplinar, conforme observado em relatório da aluna em questão.

Frequentou a Escola Municipal Professor Homero de Oliveira Dantas¹⁰ durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo acompanhada pela professora regente e uma auxiliar (estagiária do curso de Pedagogia). Em 2016 esteve apta a concluir o 5º ano.

No ano letivo de 2017, mudou-se de escola e está cursando o 6º ano, na Escola Estadual Maria Cristina, no município de Parnamirim, sendo acompanhada por uma professora de Educação Especial do quadro funcional, a qual é, outrossim, responsável pelo seu Atendimento Educacional Especializado no contra turno, no espaço da SRM.

A sala de aula regular é composta por 30 (trinta) alunos, com faixa etária de doze anos, os quais apresentam bom convívio e permitem a integração da aluna nas atividades.

Ainda se comunica de maneira funcional, emitindo frases simples, tais como: “quer beber água”; “quer lavar mão”; “machucou”; “olha a bagunça”.

O computador e o *tablet* são instrumentais que despertam o seu interesse para desenvolver suas atividades, vislumbrando, nesse caso, a tecnologia assistiva, como instrumento de acessibilidade e inclusão, tendo o propósito de agregar tecnologia e inclusão como meio para auxiliar e atender alunos com necessidades educacionais especiais, assegurados pela base legal brasileira, através da Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente¹¹ (ECA), dentre outros acordos de ordem internacional, a exemplo da Declaração de Salamanca¹² (GONÇALVES; FURTADO, 2015).

Além de se envolver nas aulas de Educação Física, pratica a hidroginástica como esporte fora da escola.

Diante do aparato profissional, escolar e familiar, considera-se que Floriza está desenvolvendo efetivamente seu potencial de aprendizagem e adequação à sala de aula.

2.2.2 As contribuições da parceria Família e Escola para o processo de ensino-aprendizagem da aluna Floriza das Flores: Relato da família e dos profissionais da escola

Durante o dia 25 de maio de 2017 foram realizadas entrevistas com profissionais que lidam com Floriza, em seu dia a dia, na escola. Foram ouvidas a professora de Educação Física, a professora da Educação Especial (professora auxiliar), a coordenadora pedagógica e

¹⁰ A referida escola presta serviço ao bairro Boa Esperança em Parnamirim, desde 1985, com as modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Tem como um de seus projetos o Chá de Letras, o qual é a culminância do trabalho desenvolvido sobre obras literárias, durante todo o ano letivo. É escola pólo no AEE, em que a professora da SEM do turno matutino é a mãe de Floriza, desde o ano de 2016.

¹¹ Lei que estabelece condições exigir os direitos da criança e do adolescente, definidos no artigo 227 da Constituição Federal (BRASIL, 2009).

¹² Conforme Bedaque (2015), a Declaração de Salamanca, elaborada em 1994 reitera o direito a espaços educacionais inclusivos onde todos possam aprender a viver com as diferenças.

a vice-diretora. Em suas respostas, observou-se linearidade, denotando coerência no trabalho inclusivo.

Inicialmente, enfatizaram que os alunos que estudavam com Floriza no 5º ano ainda permanecem sendo seus colegas de classe. Ademais, a professora de Educação Física relata: “Incluímos a tutoria nas aulas. Os colegas da sala são convidados a estarem sempre auxiliando a colega nas atividades propostas junto com a professora auxiliar” (informação verbal)¹³.

Nesse processo, a parceria da professora auxiliar é essencial, uma vez que acompanha e adapta as atividades, bem como orienta aos professores da sala regular.

Em relação aos professores, a inclusão é uma caminhada lenta, explica a professora auxiliar, mas durante os três meses desde que Floriza iniciou as aulas, pode-se observar alguns avanços. Por exemplo, em abril, aproveitou-se a comemoração da semana do autismo para ser oportunizado um dia de formação sobre o TEA, cujas palestrantes foram a professora auxiliar e a professora de Educação Física, sendo esta última, mãe de uma criança autista, algo que permitiu-lhe relatar especificamente sua experiência. Outrossim, abordaram questões pedagógicas, como adaptação de atividades, de avaliações e de planejamentos.

Cotidianamente os conteúdos ministrados são selecionados para que sejam funcionais à sua vida. É o caso das medidas de tempo e do sistema monetário, na disciplina de matemática.

Como autista, se desestabiliza com o novo. “Quando eu começo a avançar rapidamente e insiro algo novo, ela se desespera, começa a chorar, dá um grito: ‘Espere!’... tem que dar aquela respirada e ir devagar” (informação verbal)¹⁴. Contudo, avança rapidamente no aprendizado.

Sabe-se que esta adaptação é algo construído paulatinamente, sobretudo, por se tratar dos anos finais do ensino fundamental e de uma gama de profissionais de diferentes áreas, com rotatividade considerável e sem uma formação específica para oferecer esse suporte. Sobre tais aspectos, destaca-se a fala da vice-diretora:

Nós não temos formação para lidar com alunos especiais. Não temos tempo para fazer oficinas, especializações, formações. E o pouco tempo livre a gente ainda tem que fazer uma formação? Esse é o obstáculo maior para o professor da sala regular, porque cada vez mais vamos ter alunos especiais. A gente precisa da formação e o governo não oferece. Para procurarmos por

¹³ CAMPOS, Margarida. **Entrevista I**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (10 min.).

¹⁴ MATOS, Orquídea. **Entrevista II**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

fora, ou a gente vai pagar ou tirar tempo livre. Então é muito difícil, pois não é uma obrigatoriedade individual, e sim do Estado (informação verbal)¹⁵.

Para Alves (2012), a capacitação profissional não deve ser somente para os professores, mas para todos os profissionais da escola, os quais precisam ter um olhar sensível para tal situação. É preciso despertar mais que o conhecimento, a conscientização. Esta preparação deveria estar presente em todas as etapas formativas, desde a graduação, e sempre a cargo do Ministério da Educação.

Esta dificuldade externada pela vice-diretora se desdobra na ausência de autonomia de alguns professores e, por sua vez, acabam responsabilizando a professora auxiliar pelo processo de escolarização, conforme relata:

Uma dificuldade que encontramos é que quando se tem o “professor auxiliar” dentro da escola é muito bom, mas parece que o professor é o dono do aluno, e todas as outras responsabilidades deixam de existir porque a aluna é de fulana. As vezes eu sinto que Floriza deixa de ser aluna da escola ou aluna do 6º ano A e é somente minha aluna (informação verbal)¹⁶.

Já em relação à parceria família-escola, todas as respostas são unânimes, externando o quão positivo é a participação da mãe de Floriza, desde o momento em que pediu permissão a gestão para apresentá-la durante a semana pedagógica e solicitou a colaboração de todos para acolhê-la, até as orientações para que os profissionais possam captar a melhor forma de contribuir para o seu aprendizado.

Esta prática é fundamentada por Alves (2012), quando cita que o estreitamento da relação entre família e escola permite uma mudança na forma de ver o indivíduo para quem estão aliados. Silva e Conrado (2013, p. 98) acrescentam:

Quando falamos de inclusão entre os alunos não podemos esquecer que as famílias também são inclusas, precisam de atenção e momentos de socialização, de trocas de experiências com outros para poder consolidar a compreensão de fato da inclusão.

A mãe de Floriza, ao ser entrevistada, declarou satisfação no tocante ao acompanhamento escolar, muito embora saiba que nem todos os professores consigam contemplar suas necessidades durante as aulas.

¹⁵ MONTES, Rosa. **Entrevista III**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (13 min.).

¹⁶ MATOS, Orquídea. **Entrevista II**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

Constata-se, portanto, que Floriza está progredindo em termos de aprendizado e socialização, demonstrando que se adaptou facilmente após a transição para o 6º ano. Isto é percebido pela mãe, que relatou ter passado por um momento difícil em um ano letivo, ainda nas séries iniciais do Ensino Fundamental, quando sua filha regrediu, não somente em seu aprendizado, mas também na linguagem e na interação social. Considera um período em que a própria filha negou o seu meio de inserção, ou melhor dizendo, de exclusão:

Posso até citar um exemplo: ela estava no 4º ano, mas fazia o cabeçalho da escola com o nome da professora e da auxiliar referente ao ano anterior, com a data do ano anterior. Eu fico até arrepiada em falar nisso. É o fato de a criança negar aquela situação, tudo o que estava acontecendo com ela. Se nem ela aceitava, eu enquanto mãe, enquanto profissional, enquanto gente, não poderia deixar que isso se repetisse (informação verbal)¹⁷.

Os três relatos supracitados corroboram com as afirmações de Mantoan e Prieto (2006), ao destacarem que a inclusão escolar não se reduz ao acesso às salas de aula regulares. Deve antes estabelecer redes de apoio com grupos de serviços baseados na escola, bem como a consulta cooperativa e o trabalho em equipe, com as mais variadas especialidades, para planejarem conjuntamente.

A mera matrícula dos alunos com necessidades educacionais especiais pode acentuar a resistência de alguns profissionais da educação e não contribuir para que os sistemas de ensino e suas escolas se constituam também em espaços para a educação para esses alunos em classes regulares. (MANTOAN; PRIETO, 2006, p. 67)

Nesse caso, a professora da Educação Especial e do AEE é uma profissional fundamental para a ampliação da inclusão da aluna. Com o seu empenho, Floriza tem aumentado o seu repertório de palavras verbalizadas, e a demonstração de seus sentimentos. Diante disso, a família percebe que a aluna quer estar inserida no contexto escolar.

Esta afirmação é coerente ao que a professora auxiliar externou acerca das demonstrações de afeto para com ela, bem como quando expressa para a mãe ao término das aulas: “Gostou da aula! Fez atividade!”.

Expressões como estas podem parecer mínimas, mas para um autista, cuja dificuldade em interagir com o meio externo é imensurável em cada caso, é um progresso incontestável¹⁸.

¹⁷ FLORES, Flor. **Entrevista IV**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (31 min.).

¹⁸ “Era como se uma porta de vidro me separasse do mundo do amor e da compreensão humana” (GRANDIN; SCARIANO, 2012, p. 38)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecendo considerações sobre a temática, observou-se que a sensibilidade da família e o diagnóstico do TEA em tempo hábil foram essenciais para Floriza desenvolver as habilidades e competências em seu processo formativo, superando dificuldades iniciais, como a agressividade, desenvolvendo o processo de leitura e escrita, potencializando a maneira como expressa seus desejos e sentimentos.

Reitera-se que para seu progresso é desenvolvido um trabalho contínuo, por uma equipe transdisciplinar, a qual a avalia nos aspectos clínicos. Entretanto, quando em algum dos espaços, inclusive na escola (conforme o exemplo citado), ocorre a sua exclusão, há um retrocesso em seu desenvolvimento.

Por isso, a família não interrompe o seu acompanhamento e as orientações pertinentes para os profissionais que lidam com Floriza, tendo em vista que o primeiro passo para a inclusão é a desmistificação e a conscientização do que vem a ser o TEA e, em seguida, a busca de novos conhecimentos para auxiliarem em sua aprendizagem.

Com a transição da aluna para outra escola, e para os anos finais do ensino fundamental, a presença de um professor de educação especial é indispensável, bem como do AEE, no contra turno. Nas particularidades do ano letivo de 2017, ambas as funções estão designadas para a mesma professora, facilitando a adequação de uma rotina, tanto para a aluna, quanto para os professores da sala regular, uma vez que para muitos é a primeira experiência com um autista.

Esta profissional une forças e conhecimentos aos profissionais das áreas específicas, para adaptar as aulas de modo que venham atender as necessidades educacionais especiais de Floriza.

Destarte, família e escola estão dispostos a subsidiar Floriza na transição não só de uma rotina para outra, mas para suas transformações enquanto adolescente de treze anos, com seus anseios, desejos, indagações e, certamente, disposta cada vez mais a conseguir desempenhar suas atividades de maneira autônoma.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fátima. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. 152 p.
- BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **Atendimento Educacional Especializado**. Editorial UFERSA. Mossoró, 2015.
- BRAGA JUNIOR, Francisco Varder. **Transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação e o atendimento educacional especializado**. Mossoró, 2015. 56 p.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei Federal 8.069, de 12 de julho de 1990. Brasília. 2009.
- _____. Parecer CNE/CEB nº 7/2010, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.
- CAMPOS, Margarida. **Entrevista I**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (10 min.).
- CENTRO DE ESTUDO APLICADO (CRÊ-SER). **Relatório de Avaliação Inicial**. Natal. 28 de março de 2008.
- CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da Criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. 148 p.
- CUNHA, Antonio Eugenio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. 160 p.
- ESPAÇO ADAPTO. Relatório de acompanhamento interdisciplinar. Natal. 29 de novembro de 2016.
- FLORES, Flor. **Entrevista IV**. [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (31 min.).
- GONÇALVES, Maria de Jesus. FURTADO, Ulisses de Melo. **Educação a Distância e Tecnologia Assistiva**. Mossoró, 2015. 72p.
- GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margaret. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. São Paulo: Editora das Letrinhas, 2012.
- HUMANIZE. Natal/ RN. Disponível em: <<http://humanizenatal.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- _____. Relatório Inicial. Natal. 19 de janeiro de 2010.
- _____. Parecer Transdisciplinar. Natal. 14 de março de 2011.
- _____. Parecer Transdisciplinar. Natal. 29 de fevereiro de 2012.

_____. Parecer Transdisciplinar. Natal. 15 de abril de 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Égler; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão Escolar:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MATOS, Orquídea. **Entrevista II.** [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. Orientações Básicas para a Pesquisa. In: BRAVO, Maria Inês Souza. [et. al.]. **Serviço social e Saúde:** Formação e Trabalho profissional. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2010. p. 1-18. Disponível em: <http://www.fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/texto3-1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2012.

MONTES, Rosa. **Entrevista III.** [mai. 2017]. Entrevistadora: Milena de França Monteiro. Parnamirim, 2017. 1 arquivo .mp3 (13 min.).

PEREIRA, Amanda Cristina dos Santos; et al. Transtorno do Espectro Autista (TEA): definição, características e atendimento educacional. **In: Educação**, Batatais, v. 5, n. 2, p. 191-212, 2015.

SILVA, Lucy; CONRADO, Regina Mara. **Experiências e dinâmicas de inclusão:** um olhar comprometido e afetivo. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

TENÓRIO, Mylena Carla Almeida. VASCONCELOS, Norma Abreu e Lima Maciel. Autismo: A tecnologia como ferramenta assistiva ao processo de ensino e aprendizagem de uma criança dentro do espectro. **In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão:** Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade. Mai. 2015. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_07_10_2014_16_44_33_idinscrito_387_654ecb08429600021f5e35b9dc5266d9.pdf>. Acesso em: 05 set. 2016.

TRIBUNA DO NORTE. **Autistas ganham colônia de férias.** Natal. 04 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/autistas-ganham-colonia-de-ferias/80129>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA

DATA DA ENTREVISTA: _____

I. IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Formação/Área: _____

Função/disciplina que atua: _____

Tempo de atuação: _____

II. A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E O PROCESSO EDUCATIVO

1. Como o processo de inclusão da aluna com Transtorno de Espectro Autista ocorre na sala regular e nos demais espaços escolares?
2. Como a família auxilia no processo de inclusão da aluna em questão?
3. De que forma se estabelece a parceria dos professores da sala regular com o profissional do Atendimento Educacional Especializado?
4. De que forma se estabelece a parceria dos professores da sala regular com os familiares da aluna, no tocante ao seu aprendizado?
5. Diante de uma possível parceria estabelecida com a família, que avanços são percebidos na aprendizagem da aluna?
6. Quais são os desafios enfrentados em seu trabalho no tocante ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem com a aluna?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO FAMILIAR

DATA DA ENTREVISTA: _____

I. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Grau de parentesco: _____

Possui outros filhos? Quantos? _____

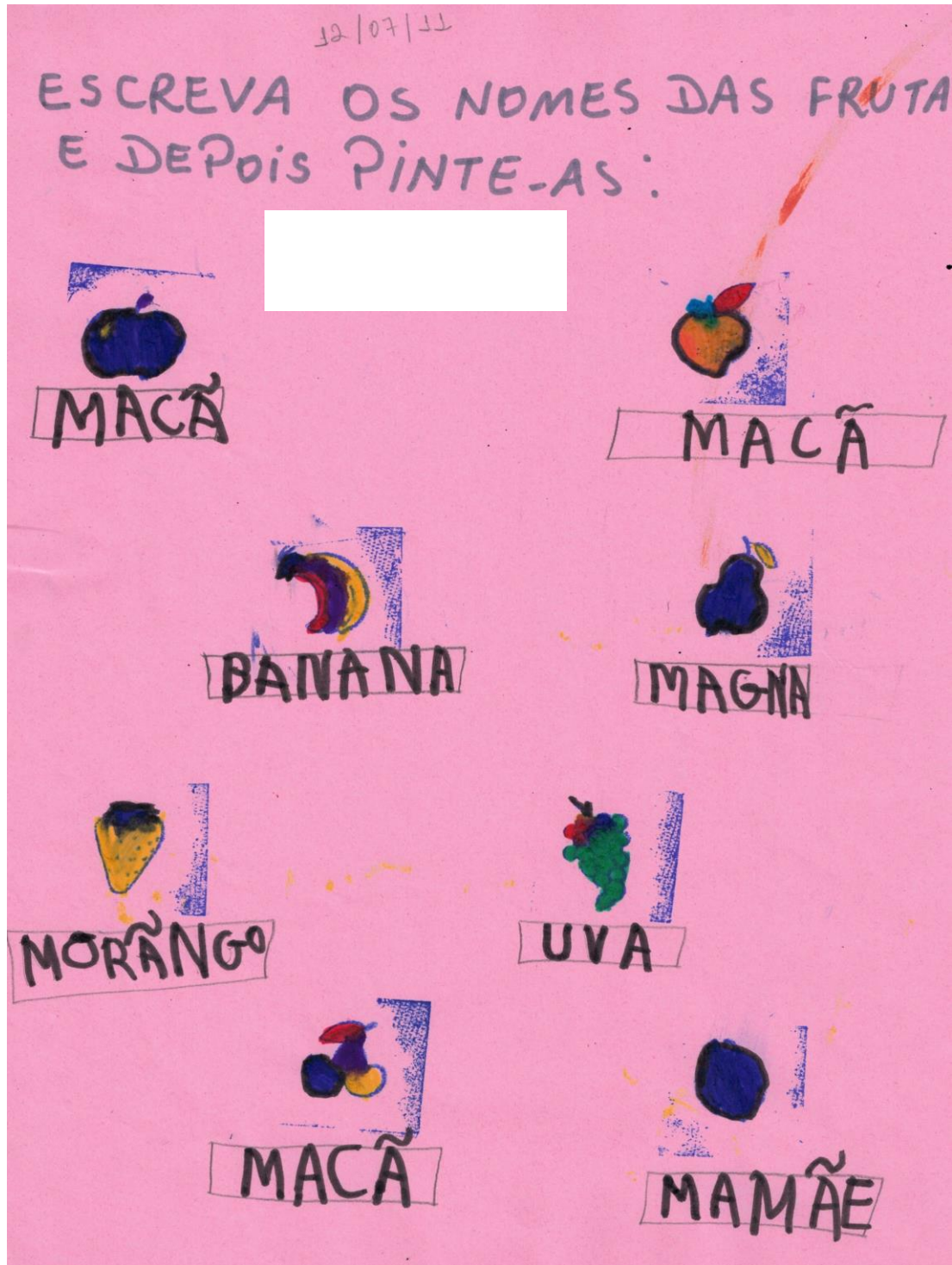
Profissão: _____

II. A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E O PROCESSO EDUCATIVO

1. Você saberia descrever como ocorre o processo de inclusão de sua filha na escola?
2. Como a família auxilia no processo de inclusão da aluna em questão?
3. Diante de uma possível parceria estabelecida com a escola, que avanços são percebidos pela família em relação à aprendizagem da aluna?
4. Quais foram/são os desafios enfrentados pela sua filha em relação à sua inclusão no espaço escolar?

APÊNDICE C

Reconhecimento das palavras



Evolução da aprendizagem de Floriza (ano letivo de 2014)

[illegible]

APÊNDICE E

Evolução da aprendizagem de Floriza (ano letivo de 2015)

27 | 10 | 2015

Escola municipal [redacted]
 Parnamirim, 27/10/2015
 Hoje é terça-feira
 Professora: [redacted]

Aluno: (G) [redacted]

Porta

1 - Acolhida no Pátio

2 - matemática

Muito bem!

1 + 3 = quatro

1 + 3 = 4

6 + 6 = DOZE

6 + 6 = 12

2 + 1 = TRÊS

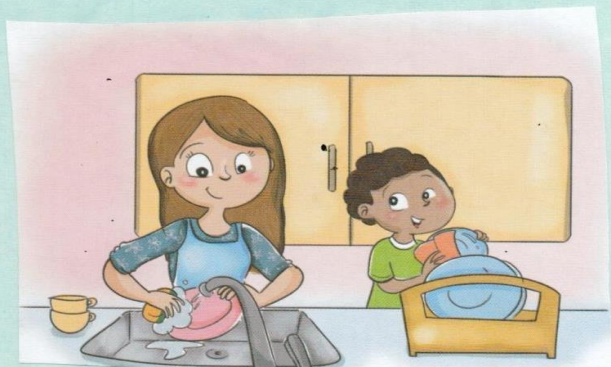
2 + 1 = 3

© Britto Central, Inc. tilibra

APÊNDICE F

Evolução da aprendizagem de Floriza (ano letivo de 2016)

Parabéns!



A MENINA
LAVA A LOUÇA



O MENINO
COZINHA

09/08/16